

## **Para uma constituição da categoria capital: comentários sobre as metamorfoses e os ciclos do capital no Livro II de *O Capital* de Marx**

Edson Mendonça da Silva<sup>1</sup>

### Área 1: Metodologia e história do pensamento econômico

**Resumo:** A categoria capital é apresentada no Livro I de *O Capital* em seu conteúdo, o valor que se valoriza pelo incremento do mais-valor. Nele, Marx tratou da produção do capital como o seu processo propriamente dito de produção e do processo de criação de mais-valor. É somente no Livro II que o autor direciona especificamente a investigação para a circulação do capital. O artigo se propõe a analisar a natureza da categoria capital a partir de suas metamorfoses ou mudanças de forma e dos seus ciclos tratados por Marx na seção I do Livro II. Trata-se aqui de investigar o capital em seu movimento, no seu processo de constituição enquanto categoria, ou seja, incorporando a sua circulação e as formas em que ele se reveste para afirmar o seu conteúdo. A conclusão do trabalho é que sem uma análise das formas e dos ciclos do capital – ou seja, da sua circulação – a capital fica restrita ao seu conteúdo, apenas no seu processo de produção, e com isso negligencia-se uma importante característica da categoria como tal: o seu movimento.

**Palavras-chave:** Capital; circulação do capital; Marx

**Abstract:** The capital category is presented in Book I of *Capital* in its content, the value that is valued by the increment of the surplus value. In this Book, Marx dealt with the production of capital as its own process of production and the process of creation of more value. It is only in Book II that the author specifically directs research into the circulation of capital. The article proposes to analyze the nature of the capital category from its metamorphoses or changes of form and its cycles treated by Marx in section I of Book II. It is a question of investigating the capital in its movement, in its process of constitution as a category, that is, incorporating its circulation and the forms in which it coats to affirm its content. The conclusion of the work is that without an analysis of the forms and cycles of capital - that is, of its circulation - the capital is restricted to its content, only in its production process, and with this neglects an important characteristic of the category as such: its movement.

**Keywords:** Capital; circulation of capital; Marx

---

<sup>1</sup> Doutorando do PPGE/UFF e membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx/UFF). E-mail: [emendoncas@gmail.com](mailto:emendoncas@gmail.com)

## Introdução

Na seção VII do Livro I de *O Capital*, Marx trata do processo de acumulação de capital. Nele, o capitalista converte dinheiro em meios de produção e força de trabalho, ele atua na circulação, em seguida ingressa no processo de produção transformando os elementos de produção em mercadoria – acrescida de mais-valor – e retorna a circulação realizando o processo de valorização, com a finalidade de obter novamente dinheiro<sup>2</sup>. Mas a análise neste momento não trata em detalhes do percurso do capital no seu processo, no seu movimento, ou seja, a *circulação do capital*. E este é o tema do Livro II.

No interior da análise da circulação do capital, Marx investiga nos quatro primeiros capítulos da seção 1 do Livro II as formas que o capital assume no seu ciclo, ou mais precisamente, as “diferentes roupagens” que ele se apresenta e abandona em diferentes fases do seu movimento repetitivo. E deve-se registrar que aqui, as formas do capital são apresentadas pelo autor em seu “estado puro”, abstraindo de diversos momentos que interferem na compreensão do objeto, como a variação do valor ao longo do ciclo do capital<sup>3</sup>. A análise das formas e dos ciclos do capital nos revelam não apenas as formas de existência do capital e o seu processo cíclico, mas também a relevância do movimento do capital, ou seja, da sua circulação, e o como é possível apreendê-lo de maneira total ou parcial. Assim, a constituição da categoria capital envolve tanto a sua própria produção – tratada no Livro I – como o seu processo de circulação.

O objetivo do artigo é apresentar breves comentários sobre a natureza da categoria capital a partir do conteúdo dos três primeiros capítulos da seção 1 do Livro II de *O Capital* de Marx. Na primeira seção, o artigo apresentará de maneira resumida os três ciclos do capital, destacando os atos ou estágios da circulação e da produção que ocorrem em cada um. Já na segunda seção, o artigo apresentará quatro pontos extraídos da análise dos ciclos considerados centrais para a sua compreensão e para o entendimento da categoria capital, bem como da teoria social de Marx. Os pontos são (i) a importância da circulação para a constituição da categoria capital, (ii) o ciclo do capital como a unidade dos três ciclos, (iii) as formas funcionais do capital e (iv) a mistificação envolvida na constituição do ciclo do capital. A conclusão do trabalho é que o estudo das formas e dos ciclos do capital

---

<sup>2</sup> Marx, 2013, p. 639.

<sup>3</sup> Marx, 2014, p. 107-108.

adicionam elementos centrais para a compreensão da categoria capital que nos levam para além do seu próprio conteúdo, a autovalorização do valor.

## **Os três ciclos do capital**

### *O ciclo do capital-dinheiro*

Segundo Marx, o ciclo do capital-dinheiro é constituído por três estágios ou fases. No primeiro estágio, D-M, o dinheiro do capitalista se converte em mercadoria e ele aparece como comprador das mercadorias específicas, meios de produção e força de trabalho. Em seguida, o segundo estágio, P, o capitalista consome as mercadorias adquiridas e neste processo de produção ele atua como um produtor capitalista de mercadorias que gera uma mercadoria de maior valor do que a anterior. E, por fim, no terceiro estágio, M-D, o capitalista retorna ao mercado, num segundo ato de circulação, mas agora como vendedor convertendo a mercadoria em dinheiro<sup>4</sup>.

Desse modo, a fórmula do ciclo do capital-dinheiro é assim é descrita por Marx:

$$D - M \dots P \dots M' - D'$$

Onde se observa uma interrupção do processo de circulação pela produção em P, e M' e D' expressam mercadoria e dinheiro aumentados pelo mais-valor<sup>5</sup>. Vejamos o que ocorre nos três estágios do ciclo do capital-dinheiro.

No primeiro estágio, D-M, a compra, temos a transformação do dinheiro em mercadoria, em quantidades determinadas. Aqui, uma quantidade de dinheiro se decompõe em duas compras de fatores materiais e fatores pessoais distintos que devem corresponder a produção de uma determinada mercadoria, uma bifurcação ou cisão qualitativa da mercadoria. No ato encontramos a aquisição pelo possuidor do dinheiro de meios de produção, D – MP, no mercado de mercadorias e de força de trabalho, D – T, no mercado de trabalho<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Marx, 2014, p. 107.

<sup>5</sup> Marx, 2014, p. 107.

<sup>6</sup> Marx registra que a relação entre D e M não é apenas qualitativa, mas também quantitativa, isto porque a quantidade determinada de dinheiro é transformada em meios de produção e força de trabalho correspondente a quantidade adiantada, e a proporção entre os dois fatores deve ser correspondente ao produto a ser produzido (Marx, 2014, p. 109).

$$D - M < \frac{MP}{T}$$

Como registra Marx, o ato  $D - M$  revela características importantes do ciclo do capital-dinheiro. Nele, o valor-capital adiantado ou gasto nas mãos do capitalista está numa condição monetária, a forma-dinheiro, é *capital-dinheiro*. A compra de mercadorias por  $D$ , meios de produção e força de trabalho, representa a transformação do valor-capital adiantado de sua forma-dinheiro para a forma produtiva,  $D$  em  $P$ , pois agora o capitalista dispõe dos fatores requeridos para a produção de um valor maior do que o original. Considerando a fórmula do ciclo, temos que  $D = T + MP$  e  $P = T + MP$ , e assim,  $D = P$ . Aqui,  $D$  aparece como o “primeiro suporte do valor-capital”, ele é capital adiantado sob a forma dinheiro; e em  $P$ , o valor-capital encontra-se sob a forma na qual ele amplia-se, a forma produtiva, é *capital-produtivo*, com a propriedade de atuar como criador de mais-valor, um “valor preme de mais-valor”<sup>7</sup>.

Analisando o ato  $D - T$ , Marx observa que ela é peculiar a economia monetária, uma “relação pecuniária” de compra e venda da atividade humana, e nela os meios de produção aparecem ao possuidor da força de trabalho como uma *propriedade alheia*, e este por sua vez aparece ao possuidor do dinheiro como uma *força de trabalho alheia*, que deve submeter ao comando do comprador. Há aqui, então, pressuposta uma relação de classe, que já está dada antes do ato  $D - T$ . De um lado, o capitalista, que atua no ato  $D - M$  ou  $D - T$ , compra da mercadoria força de trabalho; e de outro lado, o trabalhador assalariado que efetua  $M - D$  ou  $T - D$ , a venda de sua mercadoria peculiar. Assim, a relação de capital – capitalista e trabalhador assalariado – já está posta quando a operação emerge, de tal modo que a separação ou decomposição da “conexão original” entre  $MP$  e  $FT$  surge aqui como uma “premissa socialmente decisiva para a produção capitalista”, um pressuposto histórico<sup>8</sup>.

O passo seguinte no argumento de Marx nos revela a transição do primeiro estágio,  $D - M$ , a compra, para o segundo estágio,  $P$ , o processo de produção. Isto porque a fórmula do ciclo do capital-dinheiro,  $D - M \dots P \dots M' - D'$ , pressupõe o modo de produção capitalista já desenvolvido, a relação de capital já posta pelo próprio capital. O ciclo pressupõe a existência constante de uma classe assalariada<sup>9</sup>. O ato da circulação  $D - M$ ,

---

<sup>7</sup> Marx, 2014, p. 111.

<sup>8</sup> Marx, 2014, p. 111-115.

<sup>9</sup> Marx, 2014, p. 116.

a compra, tem que completado pelo o seu contrário, a venda,  $M - D$ , a transformação da mercadoria em dinheiro, a segunda metamorfose da mercadoria. Entretanto, o resultado imediato da compra não é a venda, e sim a interrupção da circulação do valor-capital adiantado sob a forma-dinheiro e a entrada na produção, no consumo dos fatores objetivos e pessoais, ou seja, a compra de meios de produção e força de trabalho exige do capitalista o seu consumo produtivo<sup>10</sup>.

A força de trabalho e os meios de produção, as “formas sociais da produção”, separados constituem-se como fatores do processo de produção em potência, pois ainda precisam ser combinados. Mas há aqui uma cisão, diz Marx. A generalização da produção de mercadorias promove a especialização de determinados ramos da produção, seja a produção de meios de produção para a venda, para o capitalista monetário que irá empregá-los, ou a produção de meios de subsistência para o consumo crescente da força de trabalho. Assim, o autor destaca que o capital em seu movimento torna a produção de mercadorias uma produção *capitalista* de mercadorias, e com isso, ela se *universaliza* e torna a venda da mercadoria produzida o objetivo primeiro da produção. Mas não uma mercadoria tal como ela ingressou no primeiro estágio,  $M = M'$ , mas sim uma mercadoria “fertilizada”, diz Marx. O que permite a transformação de  $M$  em  $M'$  é a grandeza relativa de valor, uma grandeza em comparação com o valor-capital consumido na produção pelo capital produtivo, um valor que excede o valor-capital adiantado. Em uma palavra, o mais-valor, logo,  $M < M'$ <sup>11</sup>.

Por fim, no terceiro estágio,  $M' - D'$  temos a venda da mercadoria fertilizada, uma mercadoria que como tal necessita ser transformada em dinheiro. Uma mercadoria que avança para a circulação no interior do ciclo do capital, e por isso é *capital-mercadoria*. Aqui, a mercadoria  $M'$  expressa uma relação de valor, uma relação entre o valor do produto como mercadoria e o capital gasto na sua produção, destaca o autor,  $M' = \text{valor-capital adiantado (P)} + \text{mais-valor (m)}$ , um ato no qual o valor excede o valor-capital. E como um produto-mercadoria,  $M'$  deve se transformar em dinheiro e não permanecer na forma-mercadoria, imóvel<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> Marx, 2014, p. 117.

<sup>11</sup> Marx, 2014, p. 118-120, 122. Segundo o autor, a mudança de grandeza do valor que ocorre exclusivamente em P aparece como uma metamorfose “real” do capital, ao lado de suas metamorfoses meramente “formais” que se encontram na circulação. Ver Marx, 2014, p. 130.

<sup>12</sup> Marx, 2014, p. 121-122.

A análise da etapa final do ciclo do capital-dinheiro ainda exige uma investigação mais detalhada do processo de realização, como faz Marx. Se no primeiro estágio do ciclo do capital-dinheiro temos a obtenção de mercadorias a partir do dinheiro,  $D - M$ , aqui o capitalista repõe no mercado a mercadoria valorizada,  $M + m$  e obtém agora um valor maior do que aquele original,  $D + d$ . Então, o terceiro estágio aparece agora explicitado:  $M' - D' = (M + m) + (D + d)$ , onde o valor-capital adiantado e o mais-valor são realizados na venda, de uma só vez. Entretanto, alerta o autor, o ato da circulação aqui é diferente para ambos. Considerando o mais-valor observa-se uma metamorfose, uma conversão de sua forma-mercadoria para a forma-dinheiro, a primeira forma de circulação do mais-valor. Já analisando o valor-capital adiantado temos o retorno à sua forma-dinheiro original, pois ele percorreu as duas fases contraditórias da circulação,  $D - M$  e  $M - D$ . A transformação do valor-capital adiantado e do mais-valor em dinheiro expressa, portanto a forma-dinheiro tanto como a forma retomada do valor original – mas agora com uma maior grandeza de valor – quanto a transmutação da forma-mercadoria – fertilizada, o mais-valor – em forma-dinheiro. E, desse modo, o capital-mercadoria,  $M'$ , forma necessária do valor adiantado e do mais-valor neste estágio, agora existe como dinheiro,  $D'$ , na forma de equivalente universal da mercadoria<sup>13</sup>.

### *O ciclo do capital produtivo*

Segundo Marx, a fórmula geral do ciclo do capital produtivo expressa a função do capital industrial na sua forma produtiva. Sob a forma  $P$ , a função produtiva é periodicamente renovada, repetida, de tal maneira que o ciclo aparece aqui como uma *reprodução*. Ou, como destaca o autor, aqui temos o “processo de produção como processo de reprodução”<sup>14</sup>. E como um processo de reprodução que se repete, a renovação do processo cíclico está dada desde o início, de tal maneira que o ciclo assim aparece:

$$P \dots M' - D' - M \dots P$$

O ponto de partida e o resultado do ciclo do capital produtivo é  $P$  e entre os extremos temos a circulação de mercadoria,  $M - D - M$ . Inicialmente Marx destaca dois pontos importantes sobre a circulação. Ao contrário do ciclo do capital-dinheiro no qual a função de  $P$  interrompe as fases da circulação, neste ciclo a circulação inteira é apenas uma

---

<sup>13</sup> Marx, 2014, p. 122-124.

<sup>14</sup> Marx, 2014, p. 143.

mediação entre o capital produtivo inicial e aquele que fecha o ciclo. A circulação aparece como uma “etapa interna da reprodução periodicamente renovada” do capital produtivo. Além disso, a circulação neste ciclo é a circulação simples de mercadoria,  $M - D - M$ , e não como no ciclo do capital-dinheiro, uma a circulação capitalista de mercadoria,  $D - M - D$ <sup>15</sup>.

O primeiro ato do ciclo do capital-produtivo é  $P \dots M'$  e representa o valor-capital sob a forma produtiva, ou o processo de combinação dos fatores do processo de produção,  $MP$  e  $T$ . O ato seguinte,  $M' - D'$ , é aqui a primeira fase da circulação, ao contrário da mesma operação no ciclo do capital-dinheiro na qual aparecia como a segunda fase da circulação interrompida e a fase final do ciclo como um todo. Neste ponto, Marx observa uma importante questão presente no ciclo do capital produtivo. Trata-se do passo seguinte ou a direção que toma  $D$  e  $d$  contidos em  $D'$ : se separados ou juntos na próxima fase do ciclo. E como afirma Marx, essa decisão é o que determina o caráter do ciclo, se a fórmula irá expressa uma reprodução simples ou uma reprodução ampliada<sup>16</sup>.

Vejamos a questão a partir da fórmula geral da circulação simples de mercadoria que separa os extremos  $P$  e  $P'$ , o processo  $M' - D' - M$ :

$$M' \begin{pmatrix} M \\ m \end{pmatrix} - D' \begin{pmatrix} D \\ d \end{pmatrix} \begin{matrix} -M & MP \\ & T \\ -m & \end{matrix}$$

Segundo Marx, em  $M'$  estão contidos o valor-capital,  $M$ , e o mais valor,  $m$ , que adquirem uma existência separada da mercadoria valorizada expressando-se em uma soma de dinheiro distintos,  $D$  e  $d$ . Eles são, como destaca o autor, “uma forma realmente transformada do valor” que antes em  $M'$  eram tão somente uma expressão ideal do preço da mercadoria, e agora assumem a forma-dinheiro. E é importante registrar que a relação de capital  $D' = D + d$  no ciclo do capital produtivo não é derivada diretamente da função do capital-dinheiro como no seu ciclo, mas sim do capital-mercadoria que como “relação entre  $M$  e  $m$  expressa apenas o resultado do processo de produção, da autovalorização do capital”<sup>17</sup>. Assim, após a realização do capital-mercadoria em  $M' - D'$ , o valor-capital e o mais-valor separam-se em seus respectivos movimentos exatamente por que agora eles, como  $D$  (valor-capital na forma dinheiro) e  $d$  (mais-valor na forma dinheiro), assumiram

---

<sup>15</sup> Marx, 2014, p. 143.

<sup>16</sup> Marx, 2014, p. 144.

<sup>17</sup> Marx, 2014, p. 156.

uma “forma independente” enquanto quantidade de dinheiro. Ocorrida a cisão, diz Marx,  $d$  aparece como renda do capitalista e  $D$  como forma do capital<sup>18</sup>.

É por isso que Marx define a reprodução simples aqui como a separação entre  $D - M$  e  $d - m$  no ciclo do capital produtivo. Após a cisão, uma circulação emerge com a finalidade do consumo privado do capitalista, uma circulação simples de mercadoria, e pode assim explicitada:

$$m - d - m$$

Analisando esta operação, Marx observa que, antes de tudo, é um ato da circulação simples de mercadorias, vender para comprar. Na verdade, a operação  $m - d - m$  se autonomiza da circulação do capital, torna-se parte do movimento de renda, da circulação da renda do capitalista, precisamente no segundo ato da operação, a realização do primeiro. A primeira fase,  $m - d$ , está inserida na circulação  $M' - D'$  e, portanto, no ciclo do capital, e somente por  $m$  ser parte constitutiva do valor de  $M'$  é que a operação completa faz parte da circulação do capital. Na segunda fase,  $d - m$ , está fora do ciclo do capital, separada deste na circulação geral de mercadorias. Aqui, o mais-valor,  $m$ , como fração do produto-mercadoria  $M'$  idealmente correspondente, é autonomizado, é posto para fora da circulação do capital adiantado, ainda que, sublinha Marx, tenha a sua origem nessa forma. Ele é um valor-mercadoria que não custou nada ao capitalista e tem apenas a função de converter a mercadoria em dinheiro e em seguida em consumo privado. A segunda fase ou ato da operação representa uma série de compras realizadas pelo capitalista, não é  $D$  adiantado que continuaria no ciclo do capital, mas sim  $d$  gasto que constitui o seu consumo pessoal ou consumo improdutivo. E pela sua natureza enquanto renda, e não capital, o  $d$  não entra na circulação do capital, está localizado exclusivamente na circulação simples<sup>19</sup>.

O ato da circulação  $D - M$  aparece como a segunda parte da cisão ocorrida e encontra-se na circulação do capital. Ela é assim explicitada:

$$M - D - M \begin{matrix} < \\ MP \\ T \end{matrix}$$

---

<sup>18</sup> Marx, 2014, p. 145-147. Mas ele alerta que na prática essas partes constitutivas do valor são “idealmente isoladas”, isto porque elas continuam a percorrer a circulação geral de mercadorias como “corpos-mercadorias contínuos”.

<sup>19</sup> Marx, 2014, p. 145-146 e 148.



Nesta circulação, afirma Marx, temos D desprovido de mais-valor, dinheiro como valor-capital, que cumpre a função de adquirir meios de produção e força de trabalho. Ela permite que Marx demonstre que a compra,  $D - M$ , a reconversão de do dinheiro em mercadoria, e assim em fatores objetivos e pessoais do processo de produção, indica também o processo de reprodução do capital. Isto porque aqui o movimento dessa circulação, inserida no ciclo do capital, aponta para uma produção que reiniciará o processo cíclico  $P$  e, em caso de não esbarrar em obstáculos, garantirá a continuidade do ciclo, ou seja, a reprodução do capital<sup>20</sup>. Assim, no ato  $D - M$  o dinheiro é reconvertido em capital produtivo, em  $P$ , e assim em fatores do processo de produção, o que permite o ciclo ser renovado.

Em seguida, Marx investiga a acumulação de capital ou a reprodução ampliada, que marca o caráter da produção capitalista, como um resultado necessário da ação do capitalista individual. Ela aparece como uma forma pela qual o capitalista valoriza o seu capital adiantado na produção e transforma o mais-valor – constantemente aumentado – em capital. E se na reprodução simples, analisada acima, o mais-valor,  $d$ , é gasto inteiramente como renda, aqui, ele é dividido entre renda,  $d_1$  e capitalização,  $d_2$ , um mais-valor capitalizado, ou aquilo que Marx observara no Livro I como “gerar capital por meio de capital”<sup>21</sup>.

Como afirmara Marx,  $D - M$  expressa uma série de compras e pagamentos sucessivos, de tal maneira que uma parte de  $D$  aparece na operação  $D - M$  e outra permanece na forma-dinheiro,  $d$ . Nesta forma ou estado, o dinheiro pode ser utilizado para as sucessivas operações  $D - M$  num determinado ponto posterior do ciclo, ou mais precisamente, neste estado o dinheiro retira-se temporariamente da circulação e retorna em outro momento do ciclo. Assim, ele aparece como um fundo de compra e de pagamento, assume a forma de tesouro e dinheiro conservado na forma de tesouro é mais-valor imobilizado,  $d$ , uma forma do mais-valor. Aqui, ele é ainda capital-dinheiro latente, não atua como capital, nos informa Marx, a função de  $d$  é permanecer sob a forma-dinheiro e dessa maneira, a forma de tesouro ou entesouramento surge como um “momento implícito e inerente a produção capitalista”<sup>22</sup>, mas que dele é diferente.

---

<sup>20</sup> Marx, 2014, p. 154.

<sup>21</sup> Marx, 2013, p. 658.

<sup>22</sup> O autor registra que nas formas pré-capitalistas, ao contrário do modo de produção capitalista, o entesouramento era “um fim em si”. Ver Marx, 2014, p. 162.

Sob a forma tesouro, o dinheiro pode ser empregado em um novo negócio, e assim formar um novo ciclo, ou retornar ao capitalista individual no mesmo ciclo. Aqui o dinheiro, sob a forma de  $d_2$ , através da renovação constante do ciclo é acumulado a uma determinada quantidade mínima que sendo alcançada retoma a forma de capital-dinheiro com o objetivo de adquirir MP e T – é o que define aqui o consumo produtivo – e expandir o processo de acumulação.

Assim, a fórmula do capital produtivo pode ser novamente rescrita:

$$P \dots M' \left( \frac{M}{m} \right) - D' \left( \frac{D}{d} \right) \begin{array}{l} -M \\ T \end{array} \begin{array}{l} MP \\ T \end{array} \dots P$$

$\swarrow$   $d_1$   
 $\searrow$   $d_2$

O ponto final, P', expressa, afirma o autor, um capital produtivo em reprodução ampliada, em maior escala e com maior valor, reiniciando o ciclo como o seu primeiro ato. Mas o P reinicia o ciclo não é o mesmo P que abriu o ciclo anterior. Na verdade, temos que o capital produtivo que inicia um novo ciclo é maior do que aquele, logo  $P' > P$ . Neste momento é possível identificar um paralelo entre o ciclo do capital produtivo e o ciclo do capital-dinheiro. Neste último, o ciclo expressara  $D \dots D'$ , dinheiro que gera dinheiro, o processo da valorização do capital adiantado, no qual o dinheiro que fecha o ciclo é maior em grandeza do que o dinheiro desembolsado. No ciclo do capital produtivo, o processo de valorização aparece desde o fim da primeira fase,  $P \dots M'$ , concluído, diferente do ciclo do capital-dinheiro. Mas, tal como este, inexistente diferença de valor nos extremos<sup>23</sup>.

### *O ciclo do capital-mercadoria*

Por fim, Marx apresenta o ciclo do capital-mercadoria. O ciclo inicia-se e termina com o capital na forma-mercadoria, assumindo ora a forma-dinheiro e a forma do capital produtivo. Nele, a mercadoria já valorizada, ou seja, M', aparece não apenas como um produto do ciclo, mas também como o seu pressuposto. Assim, ele começa com M' e fecha com M'. Entre os extremos, temos a segunda fase da circulação simples de mercadoria,  $D - M$ , e a atuação da função do capital produtivo, P. A fórmula geral do ciclo do capital-mercadoria é, portanto, assim expressa<sup>24</sup>:

---

<sup>23</sup> Marx, 2014, p. 159.

<sup>24</sup> Marx, 2014, p. 165.

$$M' - D' - M \dots P \dots M'$$

Na sua investigação, Marx registra duas diferenças importantes entre o ciclo do capital-mercadoria, que ele denomina de forma 3, e os demais, o ciclo do capital-dinheiro, forma 2, e o ciclo do capital produtivo, forma 1.

Na forma 1, a circulação é interrompida pelo processo de produção, como pode ser observado na sua fórmula geral  $D - M \dots P \dots M' - D'$ . E de maneira mais detalhada temos nesta forma a circulação capitalista de mercadorias,  $D - M - D$ . Já na forma 2, a circulação é tão somente o elemento mediador da reprodução do capital,  $P \dots M' - D'$ .  $D - M \dots P'$ , e ela aparece aqui como a circulação simples de mercadorias,  $M - D - M$ . Na forma 3 a circulação inteira abre o ciclo do capital-mercadoria,  $M' - D' - M \dots P \dots M'$ , e aqui, como na forma 2 e diferentemente da forma 1, a circulação assume a forma da circulação simples de mercadorias,  $M - D - M$ <sup>25</sup>.

Outra diferença entre os ciclos, destaca Marx, é sobre o ponto de partida do ciclo. Na forma 1 e na forma 2,  $D' = D + d$  e  $P' = P + p$ , são os pontos iniciais e também os pontos finais dos seus respectivos ciclos. No ciclo do capital-dinheiro,  $D'$  ao reiniciar o ciclo funciona como capital-dinheiro, valor-capital adiantado em busca de valorização na forma-dinheiro e por isso ele não atua mais como  $D'$  ou como capital valorizado. Isto porque “é no processo que ele deve se valorizar” afirma Marx. E o mesmo ocorre na forma 2, onde  $P'$  funciona como valor-capital que necessita produzir – novamente – mais-valor ao abrir um novo ciclo. Mas na forma 3, sublinha o autor, o ciclo não inicia com um valor-capital, mas já com um valor-capital acrescido na forma-mercadoria. Assim, aqui no primeiro ato, temos não apenas o valor-capital, mas também o mais-valor, é mercadoria preta de mais-valor, é  $M'$ . Ao contrário dos demais ciclos do capital, no ciclo do capital-mercadoria é sempre  $M'$  e não  $M$  que o inicia, sempre na forma-mercadoria, como capital na forma-mercadoria<sup>26</sup>.

Somente no ciclo do capital-mercadoria, diz Marx, em  $M'$  como  $M = P =$  valor-capital, ou seja, como mercadoria  $M$  acrescida de mais-valor produzida na função  $P$  e assim como valor-capital, há uma cisão nas partes constitutivas do valor da mercadoria. Nele, o valor-capital separa-se da parte do  $M'$  que consiste no mais-valor exatamente quando  $M'$  se converte em  $D'$ , no ato  $M - D$ , na venda. Como no ciclo do capital-mercadoria  $M' - D'$

---

<sup>25</sup> Marx, 2014, p. 165.

<sup>26</sup> Marx, 2014, p. 165-166.

expressa um somatório de vendas sucessivas de partes do produto-mercadoria abre-se a possibilidade de uma divisão de  $M'$ , de tal maneira que o capitalista pode agora repartir a mercadoria valorizada em  $c + v + m$ . Assim,  $M' - D'$  como venda de mercadoria expressa, segundo o autor, uma decomposição do valor total da mercadoria em suas partes que a constituem. Em  $M'$ , a parte constante deve servir para a reposição do elemento constante do valor da mercadoria, o capital constante, assim como o fator variável, o capital variável, o que permite ao capitalista repor o capital adiantado no processo de produção. Aqui,  $M' = P$ , capital produtivo que deve ser repostado. Além disso, do valor total é também repostado o mais-produto, portador de mais-valor, com a venda da mercadoria, seja para servir como gasto do mais-valor ou para a acumulação<sup>27</sup>.

O ciclo do capital-mercadoria pode assim ser explicitado<sup>28</sup>:

$$M' \begin{pmatrix} M \\ m \end{pmatrix} - D' \begin{pmatrix} D \\ d \end{pmatrix} \begin{matrix} -M \\ -m \end{matrix} \begin{matrix} MP \\ T \end{matrix} \dots P \dots M$$

Há uma diferença importante entre a forma 3, o ciclo do capital-mercadoria, e os demais ciclos ou formas do ciclo. Nele, segundo Marx, o valor-capital valorizado,  $M'$ , aparece como o ponto de partida de sua própria valorização. Na primeira fase do ciclo,  $M' - D' - M$ , estão incluídos o valor-capital e o mais-valor, sendo este gasto em parte como renda, percorrendo  $m - d - m$ , e como elemento para a acumulação de capital. Uma bifurcação do ciclo após  $D'$  em um movimento do capital (um fundo de reprodução) e um movimento da renda (um fundo de consumo). Desse modo, ao contrário dos outros ciclos, apenas no ciclo do capital-mercadoria o capital valorizado aparece como o pressuposto da valorização do capital.  $M'$  é o início do ciclo e atua, como destaca Marx, de modo determinante sobre ele. Ou como afirma o autor, aqui  $M'$  aparece como “ponto de partida, ponto de transição e ponto de chegada do movimento”, o que o faz dele uma condição constante para a continuidade do ciclo. Além disso, na forma 3 e na forma 2, a forma do ciclo aparece incompleta, pois neles o ponto final não é  $D'$ , valor-capital valorizado. Como visto, é nas formas do capital produtivo,  $P$ , na forma 2, e  $M'$ , na forma 3, que os respectivos ciclos fecham, o que exige deles a continuidade do processo de valorização e reprodução<sup>29</sup>.

---

<sup>27</sup> Marx, 2014, p. 167-170.

<sup>28</sup> Marx, 2014, p. 173.

<sup>29</sup> Marx, 2014, p. 170-172.

Marx ainda explora com um maior detalhamento a diferença nas extremidades dos três ciclos. No ciclo do capital-dinheiro, D' é a forma transmutada de M', uma transmutação da forma funcional que o antecede e que é uma forma diferente da forma original, que abre o ciclo, D, neste caso. A mesma situação ocorre no ciclo do capital produtivo, onde P é a forma transmutada de D. Mas no ciclo do capital-mercadoria apesar de encontramos também uma transmutação, de P para M', esse processo trata de uma mudança de grandeza de valor, e principalmente, não apenas uma mudança de forma, mas sim uma “transmutação efetiva”, diz Marx. Isto porque, as partes constitutivas do valor da mercadoria sofrem uma mudança na forma de uso ao longo do ciclo, pois aqui o movimento do ciclo envolve uma série de ciclos industriais individuais<sup>30</sup>.

Sobre este último aspecto, a possibilidade de outros ciclos individuais na forma 3, Marx registra que nas formas 1 e 2 tanto D' quanto P – atuando ambos como ponto final de seu respectivo ciclo – são resultados imediatos da circulação e aparecem ao final nas mãos de outros capitalistas. Já na forma 3, ocorre o oposto. O ciclo do capital-mercadoria pressupõe M como “mercadoria alheia em mãos alheias”, diz o autor, são mercadorias atraídas para o interior do ciclo e incorporadas ao processo de produção. Temos então no ciclo do capital-mercadoria a forma de movimento de diversos capitais individuais.

Neste momento Marx sublinha que neste movimento cada capital industrial individual aparece como um “movimento parcial”, que entrelaçado ao conjunto é ele condicionado aos demais movimentos<sup>31</sup>. O ciclo do capital-mercadoria não deve ser compreendido, alerta o autor, tão somente como uma fórmula geral de todo capital industrial individual, como “uma forma de movimento comum a todos os capitais industriais individuais”. Mas também como a forma de movimento dos capitais individuais, do capital social da classe capitalista<sup>32</sup>.

Não por outra razão, Marx afirmara que somente no ciclo do capital-mercadoria se revela a forma capitalista de produção. É apenas neste ciclo que o valor-capital adiantado original aparece como uma parte do extremo do ciclo, contido na primeira fase, e assim expressando o “movimento total do capital industrial”, afirma o autor. A forma 1 destaca apenas a valorização do capital adiantado e a forma 2, o processo de produção do capital como processo de reprodução. Mas na forma 3, logo em M' aparece o consumo produtivo

---

<sup>30</sup> Marx, 2014, p. 173 e 175.

<sup>31</sup> Marx, 2014, p. 174-175.

<sup>32</sup> Marx, 2014, p. 176.

e o consumo individual apontando para além de si como um ciclo individual, e assim revelando a série de metamorfoses  $M - D$  e  $D - M$  de diversos capitais individuais e o seu entrelaçamento com o consumo individual<sup>33</sup>.

## **Para uma constituição da categoria capital no Livro II**

### *Comentário 1: A importância da circulação para a constituição da categoria capital*

No Livro I, Marx apresentou a categoria capital a partir de uma análise da circulação simples de mercadorias,  $M - D - M$ , e a circulação capitalista de mercadorias,  $D - M - D$ . Analisando os dois tipos de circulação, o autor destaca não somente a diferença formal entre eles, mas uma *diferença de conteúdo*. Na circulação simples de mercadorias tem como sua finalidade o consumo, o valor-de-uso. Na circulação capitalista de mercadorias, a compra para a venda, a “força motriz” do processo e seu fim é o valor-de-troca, e possui um “fim em si mesmo”, a valorização do valor; a forma abreviada  $D \dots D$ <sup>34</sup>.

Entretanto, Marx destaca neste ponto que seria “absurdo e vazio de conteúdo” a mera troca de quantidade iguais de dinheiro, uma tautologia, de tal maneira que na realidade a forma do processo é  $D - M - D'$ . O ponto final tem que ser  $D' = D + d$ , uma quantidade de dinheiro desembolsada inicial e um incremento, o mais-valor, aqui na forma-dinheiro. E é nesse movimento do valor se valorizando que ele é transformado em capital<sup>35</sup>.

Mas sabe-se do Livro I que a finalidade imediata do capitalista não pode ser o valor-de-uso, o que impede  $M - D - M$  expressar com nitidez o movimento característico da sociedade burguesa. Para Marx, nela encontramos o “impulso absoluto ao enriquecimento”, a busca contínua pelo valor, uma “caça apaixonada” pela forma abstrata da riqueza, o dinheiro<sup>36</sup>. O possuidor do dinheiro inicial aparece como capitalista que busca o dinheiro como ponto final, como a sua “finalidade subjetiva”, de tal maneira que a valorização do valor aparece na circulação capitalista de mercadorias,  $D - M - D$ , como o seu conteúdo objetivo. Daí o conhecido enunciado de Marx: “o valor se torna, assim, valor em processo, dinheiro em processo e, como tal, capital”<sup>37</sup>. Mas no Livro I, Marx tratou dos aspectos mais gerais do *conteúdo* do capital, a autovalorização do valor – o

---

<sup>33</sup> Marx, 2014, p. 176.

<sup>34</sup> Marx, 2013, p. 226.

<sup>35</sup> Marx, 2013, p. 223, 226-227.

<sup>36</sup> Marx, 2013, p. 229.

<sup>37</sup> Marx, 2013, p. 231.

processo de produção do capital – e o processo de criação do mais-valor. Aqui, a circulação do capital não foi o seu objeto central da investigação, de tal maneira que nela a “mudança de forma e de matéria” que o capital sofre na sua circulação estava pressuposta<sup>38</sup>.

Somente no Livro II, Marx põe-se a tarefa de investigar e expor o movimento contínuo do capital, a circulação do capital como um *perpetuum mobile*<sup>39</sup>. Um movimento que revela o capital em seu próprio processo, no seu devir, na sua expansão, no seu “processo vital”<sup>40</sup>. A circulação do capital aparece então a “circulação plena de conteúdo do capital”, comparada pelo autor à uma “circulação sanguínea”<sup>41</sup>. Há aqui uma processualidade. No Livro I, tratou-se da produção do capital, agora no Livro II a investigação repousa sobre a circulação do capital; a categoria capital possui não apenas um conteúdo – valor que se valoriza e a criação do mais-valor – mas um processo, um movimento de circulação. Diz o autor no Livro II:

“O capital, como valor que valoriza a si mesmo, não encerra apenas relações de classes, um caráter social determinado e que repousa sobre a existência do trabalho como trabalho assalariado. Ele é um movimento, um processo cíclico que percorre diferentes estágios e, por sua vez, encerra três formas distintas do processo cíclico. Por isso, ele só pode ser compreendido como movimento, e não como coisa imóvel” (MARX, 2014, p. 184)

Então, a investigação da categoria capital deve incluir não apenas o processo de produção do capital, mas também o processo de circulação do capital, de tal maneira que ela deve ser compreendida – enquanto um movimento cíclico do capital industrial – como a “unidade dos processos de circulação e produção”<sup>42</sup>. E a unidade é ela própria um movimento, um processo<sup>43</sup>. Desse modo, a circulação não deve ser compreendida como uma “operação puramente exterior para o capital”, como se fosse possível separar o processo de produção do capital do seu “processo vital”, o processo de circulação do capital. Assim, uma investigação sobre a natureza da categoria capital envolve a

---

<sup>38</sup> Marx, 2014, p. 450.

<sup>39</sup> Moto-perpétuo. Ver Marx, 2011, p. 425.

<sup>40</sup> Marx, 2011, p. 426.

<sup>41</sup> Marx, 2011, p. 426.

<sup>42</sup> Marx, 2014, p. 182

<sup>43</sup> Nos *Grundrisse*, Marx afirma que destaca a existência de “duas seções” do movimento do capital, o “tempo de trabalho” e o “tempo de circulação”. De tal maneira que o movimento em seu conjunto aparece como a unidade entre as duas seções, uma unidade entre a produção propriamente dita do capital e a circulação do capital. Ver Marx, 2011, p. 518.

compreensão desta unidade, pois Marx já afirmara nos *Grundrisse* que “a circulação faz parte, portanto, do conceito do capital”<sup>44</sup>.

### *Comentário 2: O ciclo do capital como a unidade dos três ciclos*

Analisando cada um dos ciclos observamos que o processo cíclico do capital envolve uma unidade entre o processo de produção e o processo de circulação. No ciclo do capital-dinheiro (forma 1), a produção aparece como mediadora da circulação; já no ciclo do capital produtivo (forma 2), o inverso, a circulação como elemento de mediação da produção; e no ciclo do capital-mercadoria (forma 3), a produção cumpre o papel de mediar a circulação simples de mercadoria e uma nova circulação que emerge com a mercadoria valorizada. Em cada um dos ciclos do capital os seus pressupostos aparecem como o seu resultado, como podemos observar nas suas formas abreviadas: D ... D', P ... P' e M ... M'. Segundo Marx, é como se o pressuposto fosse produzido pelo próprio processo, como se o capital em suas diferentes formas produzisse o seu próprio pressuposto<sup>45</sup>. E nos três ciclos, o objetivo que os impulsiona é a valorização do valor, ou seja, o sentido do movimento dos ciclos é dado pelo conteúdo do próprio capital. É o capital que se põe e se pressupõe no seu movimento cíclico.

Como visto no Livro I<sup>46</sup>, ao analisar a categoria dinheiro, Marx apresenta a circulação simples de mercadorias, M – D – M. Nesta circulação temos dois momentos da metamorfose da mercadoria: uma unidade de dois atos, a venda (M – D) e a compra (D – M). E como destaca o autor, os dois movimentos formam um ciclo que se constitui como uma série de metamorfoses da mercadoria, onde inicia-se com a forma-mercadoria, assume-se a forma-dinheiro e retorna à forma-mercadoria. Mas, aqui a análise restringiu-se tão somente a legalidade da categoria dinheiro. A compreensão do ciclo do capital exige que se investigue o movimento para além do aspecto formal daquela análise – troca entre D e M –, indo em direção “a conexão real entre as metamorfoses dos diferentes capitais individuais”, como uma “conexão dos movimentos parciais do processo de reprodução do capital social total”<sup>47</sup>, como afirma o autor.

---

<sup>44</sup> Marx, 2011, p. 533.

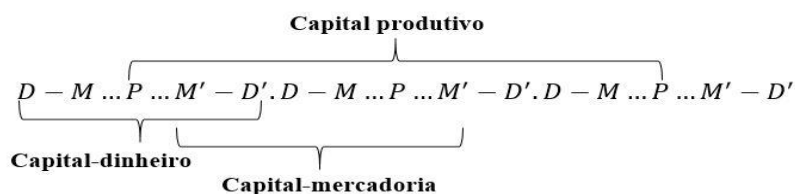
<sup>45</sup> Marx, 2014, p. 179.

<sup>46</sup> No item 3 do capítulo 3, p. 186.

<sup>47</sup> Marx, 2014, p. 179.



A análise das formas do ciclo do capital no Livro II permite compreender que ele é a “unidade efetiva” das três formas. Ou seja, o ciclo do capital não é nem o ciclo do capital-dinheiro, nem o ciclo do capital produtivo e nem o ciclo do capital-mercadoria, mas a unidade entre os três ciclos. A razão desse enunciado encontra-se no fato de que a investigação das três formas nos revela que na verdade cada ciclo individual pressupõe o outro, de tal maneira que em cada renovação de um ciclo particular envolve uma “forma implícita” dos demais ciclos<sup>48</sup>. Um exemplo desta simultaneidade entre os ciclos é assim descrito por Marx<sup>49</sup>:



Mas cabe destacar que ainda que o ciclo do capital seja a unidade dos três ciclos Marx registra que o ciclo do capital-dinheiro é a “expressão geral” do capital industrial. Segundo o autor, ele é a “forma de manifestação mais unilateral e, por isso, a mais palpável” do capital industrial, isto porque a finalidade e o que impulsiona o ciclo do capital-dinheiro – a valorização do valor – se expressa de maneira mais clara e nítida<sup>50</sup>. Mas ser a “forma geral” e mais evidente do capital industrial não significa, como vemos na justaposição dos ciclos, que seja a única forma do ciclo do capital.

Ao tratar do ciclo do capital como uma totalidade, Marx faz uma importante anotação sobre o seu conteúdo. Ele destaca que é *capital industrial* aquele capital que no seu movimento em conjunto ora assume e ora abandona as diferentes formas que se reveste e que cumpre em cada forma uma função específica. Assim, a categoria capital industrial se refere a “todo ramo de produção explorado de modo capitalista” e, portanto, o que não deve ser confundida com apenas um ramo da produção, a indústria.

Um processo cíclico que, portanto, envolve uma continuidade, mas com interrupção, ora o capital abandona um estágio e ingressa em outro, assume uma forma e descarta outra. Na verdade, o movimento expressa tanto as mudanças de forma e de ciclo na medida em

<sup>48</sup> Marx, 2014, p. 180.

<sup>49</sup> Marx, 2014, p. 140.

<sup>50</sup> Marx, 2014, p. 138 e 139.

que o capital tem que assumir uma determinada forma e estágio para continuar o seu processo cíclico.

“A reprodução do capital em cada uma de suas formas e cada um de seus estágios é tão contínua quanto a metamorfose dessas formas e a passagem sucessiva pelos três estágios” (MARX, 2014, p. 180)

Em seguida, Marx destaca que o “verdadeiro” ciclo do capital industrial não é apenas a unidade entre produção e circulação. Há aqui, uma sucessão das diferentes partes do capital que somente ocorre se cada uma das partes do capital – mercadoria, dinheiro e produto – puder percorrer sucessivamente as diferentes fases do ciclo. Se no ato final da forma 1, o capital-mercadoria transforma-se em capital-dinheiro,  $M' - D'$ , ele mesmo é o ato que inicia a forma 3 e/ou encontra-se na circulação simples da forma 2 como o segundo ato do ciclo. E também ocorra que o capital industrial como totalidade encontre-se simultaneamente nas diferentes fases e funções dos ciclos seu movimento<sup>51</sup>. Para Marx, o capital industrial é a unidade de todos os ciclos e não apenas um ciclo exclusivo.

“Todas as partes do capital percorrem o processo cíclico de modo sequencial e encontram-se simultaneamente em estágios distintos desse processo. Assim, o capital industrial encontra-se simultaneamente, na continuidade de seu ciclo, em todos os seus estágios, e assume as diferentes formas funcionais que lhes correspondem” (MARX, 2014, p. 181)

Mas a sucessão das diversas partes do capital é condicionada pela justaposição delas, pela divisão do capital. A grandeza do capital, diz o autor, uma grandeza determinada, condiciona a grandeza do processo de produção, e este também o faz em relação ao capital-dinheiro e ao capital-mercadoria. Um movimento de partes do capital que ao percorrem diferentes fases dos ciclos condiciona, por sua vez, a justaposição dos ciclos do capital através da sucessão contínua dos estágios diversos. Esta dinâmica de condicionantes entrelaçados dos ciclos é melhor evidenciada quando se trata da interrupção de um ciclo individual, pois as sucessivas partes do capital são bloqueadas por aqueles presentes na quebra da continuidade cíclica do movimento. Ocorre, então, uma paralisação da sucessão cíclica que imobiliza o capital, e, portanto, o capital industrial individual, negando o conteúdo do capital, valor que se valoriza em processo<sup>52</sup>.

---

<sup>51</sup> Marx, 2014, p. 180.

<sup>52</sup> Marx, 2014, p. 182.

### *Comentário 3: As formas funcionais do capital*

No Livro I, na análise do dinheiro como meio de circulação, Marx tratara da metamorfose das mercadorias encontrada na circulação simples de mercadoria,  $M - D - M$ , e chamou a atenção para um equívoco corrente em sua análise. Trata-se de se concentrar exclusivamente no “momento material” ou no “conteúdo material” – no caso, a troca de uma mercadoria por outra mercadoria – e com isso ignorar aquilo que deveria receber uma análise detalhada do observador: a *forma*, ou mais precisamente a mudança de forma da mercadoria<sup>53</sup>.

Portanto, já na análise da metamorfose das mercadorias Marx nos revela a importância de considerarmos as mudanças de forma. Na primeira metamorfose,  $M - D$ , ou a venda, a mercadoria “muda de pele”, abandona a sua “forma de uso original”, a forma-mercadoria, e assume a forma-dinheiro; e o inverso se percebe no seu contrário,  $D - M$ , a compra, a forma-dinheiro assume a forma-mercadoria. Assim, a mercadoria sofre uma dupla mutação, uma mudança de forma em dois movimentos, que em seu conjunto configura-se num ciclo. Ele se inicia na forma-mercadoria, segue na forma-dinheiro e retorna à forma-mercadoria, é a circulação simples de mercadorias,  $M - D - M$ , que reflete na verdade inúmeras séries de metamorfoses que habitam o mundo das mercadorias<sup>54</sup>. Assim, a análise do movimento das mercadorias, que aparece como movimento do dinheiro, nos revela a importância da mudança de forma presente no metabolismo social dos produtos do trabalho.

No Livro II, ao tratar da circulação do *capital*, Marx apresenta as diferentes formas que o capital assume no seu movimento contínuo, nos seus ciclos. As formas do capital aparecem aqui como “diferentes roupagens” que ora ele assume e ora abandona, de tal maneira que a investigação da categoria capital não deve se restringir ao seu conteúdo, mas deve levar em conta as formas do capital. Então, a constituição da categoria capital deve considerar aquilo que o autor chamou nos *Grundrisse* de “ato vital do capital”<sup>55</sup>. As diferentes formas nas quais se reveste o capital, as metamorfoses do capital no seu próprio

---

<sup>53</sup> Marx, 2013, p. 178-180. No Livro I, ao tratar da transformação do dinheiro em capital, Marx já afirmara que na circulação capitalista a mercadoria e o dinheiro funcionavam como “modos diversos de existência do próprio valor”, a primeira como um modo particular e o segundo como modo universal. Ver Marx, 2013, p. 227.

<sup>54</sup> Marx, 2013, p. 182, 183, 184, 185, 188-190.

<sup>55</sup> Marx, 2011, p. 533. No manuscrito, Marx já apontara para esta dinâmica na qual o conteúdo (capital) assume diversas formas, e ao mesmo tempo as formas (mercadoria, dinheiro e produção) se transformam em capital. Nele, o autor afirma que cada forma na qual o capital se reveste é na verdade “capital em potência”.

movimento, são descritas pelo autor como: o *capital-dinheiro*, capital no conteúdo e dinheiro na forma; o *capital-mercadoria*; capital no conteúdo e mercadoria na forma; e o *capital produtivo*, capital no conteúdo e produção na forma.

É importante destacar que as formas do capital expressam antes de tudo as “formas funcionais” do capital industrial. Elas não representam “tipos autônomos de capital”, ramos da economia separados do capital<sup>56</sup>. No movimento contínuo do ciclo do capital industrial, cada fase ou estágio está associada a “determinada forma”, seja capital-dinheiro, capital-produtivo ou capital-mercadoria, e ele apenas ingressa numa nova fase vinculada a uma determinada forma somente após o cumprimento da função correspondente a fase anterior. Ou seja, as formas do capital aqui expressam então *funções* que o capital deve cumprir na fase determinada do seu próprio movimento. Assim, a forma funcional do capital, ou a sua *forma de existência* num estágio dado do ciclo, é condicionada então pela função a qual ele tem que necessariamente cumprir, ou de outra maneira, a necessidade da forma é condicionada pelas funções que o capital industrial deve assumir no seu próprio movimento e ele somente assume uma nova forma após o cumprimento da função específica da forma anterior<sup>57</sup>. E, por esta razão, Marx destaca que as formas funcionais do capital são fluídas<sup>58</sup>.

Como capital-dinheiro, o capital cumpre as funções do dinheiro (meio de pagamento e meio de circulação), atua como D e por isso como valor-capital na forma monetária, ele encontra-se limitado a cumprir a função de dinheiro. Mas duas anotações são feitas por Marx. De um lado, as funções do capital na forma-dinheiro, ou seja, como capital-dinheiro, têm origem na condição de dinheiro do valor-capital e não da sua natureza de capital; é por assumir a forma de dinheiro que o capital pode cumprir as funções do dinheiro. De outro lado, a transformação das funções do dinheiro em funções do capital se deve ao seu “papel determinado no movimento do capital”, ou seja, a transformação da forma-dinheiro em capital-dinheiro encontra a sua razão na processualidade do capital em movimento e no nexo entre as fases do ciclo do capital. É por pertencer e cumprir um papel no ciclo do capital que o valor-capital adiantado sob a forma-dinheiro se transforma em capital-dinheiro<sup>59</sup>. Exatamente por esta razão Marx ressalta que não se deve deduzir

---

<sup>56</sup> Marx, 2014, p. 131-132. No manuscrito V da MEGA-2, Marx utiliza a expressão “formas funcionais particulares do capital industrial” e reforça o alerta de uma incompreensão do seu argumento, como destaca a tradução brasileira.

<sup>57</sup> Marx, 2014, p. 132.

<sup>58</sup> Marx, 2014, p. 182-183.

<sup>59</sup> Marx, 2014, p. 110-111.

o conteúdo específico da função dinheiro de sua própria natureza, mas sim da existência de relações sociais – a separação entre MP e T, como “ato social geral”<sup>60</sup> – que possibilitam a transformação de uma função do dinheiro numa função do capital. Como  $D' = D + d$ , o capital-dinheiro retorna a sua forma original com uma diferença quantitativa, pois  $D'$  é um valor que se valorizou pelo o processo de criação de mais-valor, e assim  $D' - D = \text{mais-valor}$ . Com o retorno, o capital apresenta-se como capital realizado e não mais como mero dinheiro, valor-capital adiantando,  $D$ ; agora como explicitamente capital, como “relação de capital”. E, por isso,  $D'$  aparece de “modo autônomo”, independente. E sendo posto por  $D$ , ele ocupa o seu lugar, “um efeito do qual ele é causa”, diz Marx.

O imperativo da autovalorização, do conteúdo do capital enquanto tal, exige do próprio capital numa determinada fase o consumo produtivo dos fatores objetivos e pessoais de produção, o que o conduz necessariamente a ingressar na produção e assumir uma nova forma, a forma produtiva,  $P$ , o *capital-produtivo*<sup>61</sup>. Na produção, os fatores de produção aparecem como “modos produtivos de existência” do capital e tornam-se função do capital. De posse dos capitalistas, e na combinação com o trabalho, os meios de produção se tornam “formas objetivas do capital-produtivo”, devém capital constante, e a força de trabalho se converte também em “forma de existência” de um capital, o capital variável; mas os dois fatores não são por natureza capital, mas tornam-se capital numa determinada condição histórica que os marca com esse caráter específico social. Mais uma vez, Marx mostra como capital à medida que avança no seu próprio movimento, assume outras roupagens, formas de existência, com o objetivo de concluir o seu processo de valorização<sup>62</sup>.

Por fim, a venda significa que a mercadoria avança para a circulação no interior do ciclo do capital. Aqui, o capital como conteúdo assume uma nova forma, uma outra roupagem, ele está nesta fase sob a forma-mercadoria,  $M'$ , é *capital-mercadoria*. Como observa Marx, o que transforma uma simples operação de venda numa função do capital é o fato de que a mercadoria aqui funciona como capital, ela aparece como “forma de existência funcional do valor de capital já valorizado”<sup>63</sup> como um resultado do processo de

---

<sup>60</sup> Marx, 2014, p. 113-115.

<sup>61</sup> Exatamente por este motivo, Marx destaca que a transformação do capital-dinheiro em capital produtivo aparece aqui como uma introdução ao segundo estágio do ciclo do capital-dinheiro,  $P$ , a função do capital produtivo. Marx, 2014, p. 117.

<sup>62</sup> Marx, 2014, p. 119-120.

<sup>63</sup> Marx, 2014, p. 120.

produção. Ela traz para a esfera da circulação a *marca da produção*, a produção capitalista de mercadoria, ao contrário de M que apenas possui o valor-de-uso específico para o consumo produtivo. Aqui,  $M' = M + m$  como forma distinta do valor-capital valorizado – assim como D' – necessita ser transformada em dinheiro, ou seja, tem que ser vendida; a função do capital-mercadoria é percorrer o ato M – D, não fica imóvel, e reconverte-se em dinheiro. O ato M' – D', não é uma mera conversão de um valor na forma-mercadoria numa forma-dinheiro, e sim uma conversão de um capital-mercadoria, já “preenche” de mais-valor, na forma-dinheiro<sup>64</sup>. Em relação a D', também uma forma do capital valorizado, M' se diferencia conceitualmente, pois nela ainda se remete a sua própria origem, a produção, como produto imediato. Já em D' desaparece toda relação direta com a função produtiva do capital produtivo<sup>65</sup>.

#### *Comentário 4: O ciclo do capital e a mistificação de sua constituição*

As possibilidades e os limites que cada ciclo possui também é objeto de análise de Marx nos primeiros capítulos da Seção I do Livro II. Mais precisamente, da análise dos ciclos do capital é possível observar que uma investigação sobre a natureza do capital que concentra a sua atenção em apenas um dos ciclos a conduz a *mistificação* do processo de constituição do capital que lhe é inerente. Aqui, é importante destacar que a mistificação não se trata de um processo de ilusão, de falseamento do fenômeno. Ela expressa, na verdade, um aspecto da realidade, da essência do fenômeno, mas de modo parcial.

O ciclo do capital-dinheiro, D ... D', nos permite observar o processo de valorização do capital industrial, como um movimento no qual o dinheiro gera dinheiro, um ciclo completo no sentido de que no final se obtém aquilo que desejava, a valorização do valor. Entretanto, neste ciclo, como visto, apaga-se o processo de produção do próprio D', a produção de mais-valor, ele *mistifica* o movimento do capital. Na etapa final deste ciclo, o D' que emerge como um resultado da conversão de M' em dinheiro aparece como uma forma-dinheiro independente. Aqui, por enquanto, é importante registrar que  $D' > D$ , que o D' existe de “modo autônomo”, independente do processo que o originou, ou como afirma Marx, “D' ocupa o lugar de D”, “o processo já não mais existe”. D como capital adiantado retornou a sua forma original, mas como capital realizado, como D', e este tem para-si o *d* como o “seu fruto”, um valor criado por ele mesmo. De tal maneira que o *d*

---

<sup>64</sup> Marx, 2014, p. 121-122

<sup>65</sup> Marx, 2014, p. 127.

aparece para D' como se fosse posto por ele, o “efeito que se relaciona com a causa”, e por isso D' se “diferencia funcionalmente (conceitualmente) em si mesmo”. O resultado em D' aparece, como destaca o autor, como uma “absoluta identidade”, uma “indiferenciação conceitual”, isto porque em D' desaparece a *diferença específica* entre as partes constitutivas do capital produtivo e somente se tem o somatório total do capital adiantado (principal) e o excedente. Assim, em D' não se observa nenhum rastro de sua relação com P, a produção, o “mal necessário ao ato de fazer dinheiro”<sup>66</sup>. É como se fosse uma “forma derivada diretamente da circulação”, D' = D + d aparece como se fosse fruto do processo de circulação. E, com isso, apaga-se então a mediação com a sua origem, aquilo que Marx destacará como sendo uma “expressão sem conceito”, D ... D'<sup>67</sup>. Por esta razão, é possível compreender aquelas abordagens que mesmo insuficientes observam o modo de produção capitalista como se fosse uma “economia monetária”, ainda que de maneira mistificada<sup>68</sup>.

Já no ciclo do capital-produtivo, P ... P' é possível identificar com maior clareza do que o ciclo anterior o processo de reprodução, pois a forma geral deste ciclo é a “forma da reprodução”<sup>69</sup>. Além disso, é possível compreender a diferença entre a reprodução simples e a reprodução em escala ampliada do capital, entre o consumo improdutivo e o consumo produtivo, e também extrair uma taxa de acumulação,  $d_1/d_2$  ou  $d_1/d$ . Mas, assim como no ciclo anterior, este *mistifica* o capital em processo. Em P ... P', a valorização já foi concluída, após a produção de mercadorias e a circulação M' – D'. O que ocorre aqui é que a forma do ciclo do capital produtivo aparece como se não houvesse diferença *de valor* entre os extremos, de modo que o processo de valorização desaparece, “não revela a valorização como escopo do processo”<sup>70</sup>. P ... P' não expressa o mais-valor produzido, e sim o mais-valor como um produto da capitalização. Ou, como afirma Marx, o mais-valor aqui aparece na diferença entre P e P' como se fosse uma criação da relação entre o valor-capital original e o valor-capital acumulado através do seu movimento<sup>71</sup>. E por esta razão, a economia política clássica observou nesta forma o processo de produção

---

<sup>66</sup> Marx, 2014, p. 135.

<sup>67</sup> Marx, 2014, p. 126-127.

<sup>68</sup> Um exemplo desta abordagem é a abordagem dos “os promotores do sistema monetário” que “proclamavam como única riqueza o ouro e a prata, isto é, o dinheiro”, como já afirmara Marx em 1859. Nesta perspectiva, D – M – D' aparece como um movimento que ocorre somente na circulação tão logo se fixa neste ciclo como a forma exclusiva. Ver Marx, 1986, p. 113-114 e Marx, 2014, p. 135, 139-140.

<sup>69</sup> Marx, 2014, p. 170.

<sup>70</sup> Marx, 2014, p. 170

<sup>71</sup> Marx, 2014, p. 158-159.

de maneira *natural*, como tal, sem se questionar acerca da “forma capitalista determinada no processo de produção”. Daí ela somente ter tratado de “produzir a maior quantidade com os menos preços possíveis e trocar o produto pela maior variedade possível de outros produtos”<sup>72</sup>, negligenciando as especificidades da renovação da produção,  $D - M$ , ou do consumo,  $d - m$ .

Por fim, o ciclo do capital-mercadoria,  $M' \dots M'$ , nos permite analisar a simultaneidade dos ciclos do capital, não mais o ciclo do capital industrial individual, mas o ciclo do ponto de vista global; além de explicitar o consumo total nas diferentes fases do ciclo, ao contrário dos ciclos anteriores. Entretanto, mais uma vez, considerar o ciclo do capital exclusivamente a partir do ciclo do capital-mercadoria é *mistificar* o movimento do capital. Todo o processo cíclico de produção e reprodução é observado fixando a análise na mercadoria, o mais-valor ou o lucro é percebido apenas como uma mercadoria. Aqui, diz Marx, “todos os elementos do processo de produção parecem provir da circulação de mercadorias e consistir unicamente de mercadorias”<sup>73</sup>. E assim negligencia-se o processo de produção em si e toma a acumulação de capital como um processo natural, tal como a tradição fisiocrata originada de Quesnay<sup>74</sup>.

### **Considerações finais**

Como vimos, a formação e a constituição da categoria capital em Marx exige ir além do seu conteúdo dado no Livro I. Pela ênfase na investigação do processo de produção do capital, a análise concentrou-se nos aspectos mais centrais do capital, a saber, o capital como um processo de autovalorização do valor e o seu crescimento através da criação do mais-valor. No Livro II, Marx trata do processo de circulação do capital, de tal maneira que o movimento do capital deve ser incluído na compreensão da categoria capital, e não ser tratado tão somente como um complemento da análise do conteúdo.

A investigação dos ciclos do capital nos permite compreender como o conteúdo capital se põe em movimento, um processo no qual ele assume diferentes formas ao longo do percurso. E como momento integrante de sua circulação contínua, as formas do capital assumem aqui diversas funções no movimento do próprio capital industrial e, portanto, elas configuram-se como “formas funcionais” do capital, formas nas quais o capital se

---

<sup>72</sup> Marx, 2014, p. 170.

<sup>73</sup> Marx, 2014, p. 176.

<sup>74</sup> Marx, 2014, p. 177.



apresenta no seu próprio processo de constituição. Ou seja, para o capital afirmar o seu conteúdo, o valor que valoriza, ele precisa *necessariamente* assumir formas distintas de seu próprio conteúdo, mercadoria, dinheiro e produção, condicionado pelas funções das formas em cada ponto do seu movimento. Assim, a investigação da categoria capital aponta para uma dialética forma e conteúdo que presente nos três ciclos nos permite enxergar como o capital põe-se em processo, assume diferentes modos de existência que em última instância nos revela o processo de constituição do modo de produção capitalista, a produção capitalista de mercadorias.

Mas se a análise da circulação do capital nos revela elementos centrais para uma compreensão adequada da categoria capital, ela também expõe as razões pelas quais o seu próprio movimento é mistificado. Não se trata de uma ilusão, de um engano do observador (científico ou não), mas sim de um entendimento que negligencia um ou mais aspectos da constituição do capital e, portanto, produz teorias insuficientes e/ou parcial sobre a natureza da sociedade do capital.

Neste trabalho, procuramos reconstituir os principais aspectos da circulação do capital e assim evidenciando um amplo conjunto de processos formais e reais que conformam a categoria capital. Sem uma compreensão adequada da importância da circulação do capital, das suas formas funcionais, dos seus três ciclos e da sua mistificação que daí resulta, o capital torna-se uma categoria restrita meramente ao processo de produção, encerrado em seu conteúdo.

### **Bibliografia:**

MARX, K. (2011) *Grundrisse*. Boitempo Editorial, São Paulo.

MARX, K. (2013) *O capital: crítica da economia política, Livro I: o processo de produção do capital*. Boitempo Editorial, São Paulo.

MARX, K. (2014) *O capital: crítica da economia política, Livro II: o processo de circulação do capital*. Boitempo Editorial, São Paulo.